

Algumas Conclusões do Estudo

Projeto INUT

1. Horários longos: 34,4% dos homens e 25,6% das mulheres declaram dedicar normalmente mais de 40 horas por semana ao seu principal trabalho remunerado. Cerca de uma em cada três pessoas, nos últimos 12 meses, trabalharam durante o seu tempo livre para dar resposta a solicitações profissionais.

2. Homens, mulheres e trabalho pago: em média, o tempo de trabalho pago (incluindo atividade profissional e deslocações entre casa e local de trabalho) é de 9h02m para os homens e de 8h35m para as mulheres.

A minha mulher, às vezes, chateia-me um bocado porque me dedico demais à minha vida profissional. Mas eu digo-lhe: não te esqueças de uma coisa, é dali que vem o nosso vencimento, para a nossa casa. Ela respeita. Para além de gostar de fazer muitas coisas em casa, eu dedico-me muito ao trabalho. Muito, a cem por cento. De corpo e alma.

Gabriel, 28 anos, biparental, filha com 6 anos

3. Homens, mulheres e trabalho não pago: o trabalho não pago (tarefas domésticas e trabalho de prestação de cuidados a crianças, a jovens e/ou a pessoas adultas em situação de dependência ou incapacidade) implica para as mulheres, em média, uma afetação de tempo diária de 4h23m, enquanto para os homens implica apenas 2h38m. Considerando, apenas, as pessoas com atividade profissional, o trabalho não pago ocupa, em média, 4h17m às mulheres e 2h37m aos homens.

4. Somando trabalho pago e não pago conclui-se, relativamente às pessoas com atividade profissional, que, em média, as mulheres trabalham em cada dia útil mais 1h13m que os homens.

5. Em todos os grupos etários são as mulheres que mais tempo dedicam às tarefas inerentes ao trabalho de cuidado e às lidas domésticas. As disparidades de género, em relação ao tempo médio afeto ao trabalho não pago, persistem no grupo etário mais jovem (15-24 anos), com as jovens a registar mais 1h21m por dia que os jovens.

O meu marido não sabia cozinhar, por exemplo. Arrumava uma loiça mas era a loiça dele. Não sabia pôr uma máquina a lavar. A roupa, quando tomava banho, era posta no chão. Houve aqui coisas que nós tivemos que nos adaptar. Que ele não estava habituado. Nunca dobrou uma peça de roupa. Nada! Tivemos várias vezes essa conversa quando já vivíamos os dois: se queremos estar um com o outro, temos que nos ajudar. Acho que agora as coisas estão muito melhores do que estavam ao início. Porque eu também faço muita coisa enquanto ele não chega.

Raquel, 32 anos, biparental, filha com 2 anos

6. A participação dos homens é mais evidente no trabalho de cuidado, nomeadamente no que respeita ao exercício da sua paternidade, i.e. à prestação de cuidados a filhos ou filhas. Em contrapartida, a participação masculina é mais reduzida nas tarefas domésticas, nomeadamente naquelas que têm uma natureza mais rotineira (e em particular em relação ao cuidado da roupa: lavar, passar a ferro, etc.).

O acompanhamento escolar, sou eu definitivamente. A nível de tomar banho, a maior parte das vezes sou eu, até porque à hora que ele [marido] chega a maior parte das vezes ela [filha] já tomou banho. Mas ao fim de semana ele faz por também ajudar. Estando em casa, também ajuda. Têm uma excelente relação os dois, são muito amigos, aliás acho que ela brinca mais com ele do que comigo. Talvez porque seja mais infantil; acho que os homens acabam por ganhar com isso, sobretudo com as meninas. Mas em geral, sou eu que faço mais o acompanhamento. O deitar, a leitura, o vestir... sou eu. Podemos dizer que aí 70% é a mãe, e não o pai.

Catarina, 38 anos, biparental, filha com 6 anos

7. Também feminizadas são as redes de apoio: as pessoas com quem maioritariamente se partilha as tarefas domésticas, excetuando a partilha entre cônjuges, são as filhas e/ou as mães.

8. Apesar destas assimetrias, cerca de sete em cada dez mulheres expressam a opinião de que a parte das tarefas domésticas realizada por si corresponde ao que é justo.

Pouco mais que duas em cada dez consideram fazer mais do que é justo. Entre os homens, menos de um em cada cinco assume ter consciência de que faz menos do que é justo.

É injusto porque muitas vezes eu deixo as tarefas domésticas para ela. Mesmo sabendo que eu podia ajudar um pouco... mas não faço isso. Lá está, há dias que não me apetece. [...] Aceitei e divido naturalmente as tarefas domésticas com ela, sem problema nenhum. Mesmo sabendo que, por vezes, acabo por ser injusto porque não cumpro. Fiz-me perceber? Deveria ajudar um pouco mais nessa limpeza mas não fiz. Deixei e fui ver a bola. Só fiz um bocadinho.

Tiago, 29 anos, bipolar, filha com 2 anos

9. Mais de uma em cada três mulheres – face a um em cada quatro homens – declara sentir com alguma frequência dificuldades em concentrar-se no trabalho pago devido às suas responsabilidades familiares.

10. Verifica-se que a duração e a desigual distribuição das licenças por maternidade e paternidade constituem motivos comuns de insatisfação, desde logo por implicarem uma sobrecarga das mulheres no que diz respeito aos cuidados a crianças, independentemente do maior ou menor grau de acordo manifestado relativamente à distinção dos papéis e das responsabilidades entre mães e pais.

11. A Área Metropolitana de Lisboa destaca-se como o território onde uma maior proporção de pessoas sente dificuldades na relação entre as ocupações diárias (emprego, tarefas domésticas, cuidados às crianças, etc.) e os horários do contexto envolvente, desde logo o horário de trabalho da/o cónjuge / companheira/o, mas também o horário de serviços administrativos, escolas e outros *equipamentos de apoio à infância, etc.*

12. 45,4% das mulheres e 36,6% dos homens sentem que andam apressadas/os todos os dias ou com frequência. E 39,4% das mulheres - face a 30,2% dos homens - consideram que, no seu dia-a-dia, raramente têm tempo para fazerem as coisas de que realmente gostam.

e: E o tempo que tem para si é suficiente?

E: Esse... foi desse que eu abdiquei, claramente. O que me deixou algo desequilibrada. [...] Leitura, trabalhos manuais, gosto de estar entretida de mãos, desde croché a jardinagem... portanto, tudo isso, ir ao cinema, ver televisão – tudo isso ficou para trás.

Ilda, 46 anos, biparental, filhas com 13 e 12 anos, filho com 9 anos